

Gestalt-Terapia: Metodológica da Atualização - Performática improvisativa da performance figura e fundo, performática da forma, performática da ação, do contato, performática da atualização.

Gestalt Therapy: update methodologic - improvising performatics of the performance image and canvas, shape performatic, action performatic, of contact, update performatic.

Afonso Henrique Lisboa da Fonseca

Escola Experimental de Psicologia Fenomenológico Existencial, Alagoas, Brasil.

RESUMO

A questão central da Gestalt-Terapia é a questão da 'ação' ('Contato'). Entendendo-nos como seres eminentemente ativos, a metodologia e a ética da Gestalt'terapia se direcionam para a experimentação da ação, para a experimentação da atividade da atualidade existencial do cliente, a partir de sua própria avaliação organísmica, e de seu próprio interesse e excitação, no interesse e excitação da pontualidade da dialógica inter humana com o gestalt'terapeuta. É a performance da ação como processo de performance de figura e fundo, dado, em seus momentos, ao nível da compreensão, ao nível do modo compreensivo e estésico, estético, de sermos, que permite a criação e a superação. De modo que a metodológica da Gestalt'terapia caracteriza-se pelo privilegiamento de uma performática da ação, a partir da própria estética da auto regulação organísmica do cliente. Caracteriza-se, assim, como o privilegiamento da dialógica inter-humana entre o terapeuta e o cliente, e como uma estética performática da ação.

Palavra-chave: Gestalt; Processo de formação de figura e fundo; Dialógica; Inter Humano; Estésico; Estética; Performance; Perfeição.

ABSTRACT

The central issue in Gestalt-Therapy is the issue of action ('Contact'). Understanding ourselves as eminently active beings, the methodology and the ethics of Gestalt'therapy is directed toward the experimentation of action, toward the experimentation of the activity of the existential actuality of the client, from his own organismic evaluation, and from his own interest and excitation, in the interest and excitation in the punctuality of the inter human dialogic with the gestalt'therapist. It is the performance of action as process of performance of figure and ground, given, in its moments, in the level of comprehension, in the level of the our comprehensive, esthetic, esthetic, way of being which permits creation and superation. The methodological of Gestalt'therapy thus is characterized by the privileging of a performatic of action, from the esthetics of the organismic self regulation of the client. It is characterized though as the privilege of the dialogic between therapist and client, and as a performatic aesthetics of action.

Keywords: Gestalt; Process of formation of figure and ground; Dialogics; Inter Human; Aesthetic; Aesthetic; Performance; Perfection.

O *logos metódico* da Gestalt-Terapia é o da criação de condições inter humanas, por parte do gestalt-terapeuta, na relação com o cliente, para a potencialização do retorno, e para o desenvolvimento da habitualidade do retorno, por parte do cliente, ao modo de sermos da **ação**, da **atualização de possibilidades**. Criação de condições, por parte do terapeuta, para a potencialização do retorno do cliente ao *improvisativo* modo **per-form-ático** da **ação**, da **potência**, e da **ação**, do **contato**, da **atualização**, da **interpretação fenomenológico existencial**.

Ou seja, o *logos metódico* da Gestalt-Terapia se centra na criação de condições para a recuperação, e para o desenvolvimento da habitualidade, na vida do cliente, da **alternância**, natural e organísmica, entre (1), de um lado, os *modos de sermos da não ação, do não contato; modos de sermos não atualizantes* (como o modo *reflexivo* e o modo *comportamental* de sermos da *não ação* e do *não contato*); e (2) do outro lado, o nosso **modo ativo de sermos**, nosso atualizante, **modo contactante**, que é, essencialmente, fenomenológica e existencialmente **form-ativo**; no sentido do processo *psicológico compreensivo* (nunca *explicativo*), vivencial, da formação compreensiva de figura e fundo. Modo de sermos eminente e especificamente **performativo, performático e atualizante**.

Para entendermos o *logos metódico* da Gestalt-Terapia, necessitamos, pois, de uma clareza da concepção de *Contato*. Em especial de *Contato* como característica da *Ação*. E necessitamos de uma clareza da concepção de *Ação*, como desdobramento e **atualização experimentais*** de *possibilidades*. Inerentes, estas possibilidades, à vivência do modo fenomenológico existencial de sermos. Necessitamos de uma clareza de compreensão deste nosso processo da *Ação* e do *Contato*, como processo de *formação de figura e fundo*. Como um processo fenomenológico existencial, eminentemente ativo; em que a *forma* emerge, e se forma, a partir da vivência de possibilidades características, que impregnam a vivência, de nosso modo fenomenológico existencial de sermos.

E, para entendermos o *logos metódico* da Gestalt-Terapia, precisamos entender a **performance** como o próprio processo *performativo* fenomenológico existencial de **atualização de possibilidades**. Um processamento sempre, eminentemente e especificamente *ativo*, e *compreensivamente vivido*; eventualmente *motor*. Através do qual, a partir da vivência de suas potências, as possibilidades, vividas fenomenológico existencialmente, transitam de um estado de *pré-compreensão*, para se constituir *compreensivamente*:

(a) meramente como *compreensão*. Ou seja, de modo *meramente compreensivo* de sermos; ou

(b) na *ação compreensivamente motora*, ação inextrincavelmente compreensiva e motora; ambas especificamente fenomenológicas e existenciais, naturalmente.

O *Contato* é característica de precisão qualitativa e expressiva da *Ação*.

É a qualidade da ação que tangencia efetiva, e otimamente, e se anima, das emergências e desdobramentos vivenciais, fenomenológico existenciais, das potências da *possibilidade* vivida. E que, *ação*, efetivamente, portanto, toca, inovativa e potentemente (*encantadoramente*), a dimensão do mundo, das coisas, da vida: dos *modos de ser, acontecidos, coisi-ficados*. Quer dizer, o *contato* é característica da ação, que transita da potência do possível à dimensão das coisas, da vida, e modos de ser acontecidos de um modo esteticamente inovativo —, engendrando e criando o novo, a *novidade*.

O *Contato* se caracteriza, assim, na vivência fenomenológica, *estésica, estética*, como o *tangenciamento* compreensivo ótimo da possibilidade e de seu desdobramento. *Tangenciamento* que permite e potencializa a sua ótima expressão *estética* na ação.

Eminente e especificamente *compreensiva*, a *Ação* se dá, desta forma, como a atualização de possibilidades especificamente compreensiva que se constitui originariamente, e *esteticamente*, como processo de *formação de figura e fundo fenomenológica e existencialmente vivido*. Constitui-se, desta forma a ação, como o processo fenomenológico existencial de *atualização*, de desdobramento, da potência de *possibilidades*.

No modo fenomenológico existencial de sermos, a *possibilidade* nos é dada, anteriormente à sua plena apreensão compreensiva, como **pré-compreensão**.

A partir desta condição de *pré-compreensão*, a partir de sua própria força, de sua própria potência como *possi-bilidade*, a possibilidade fenomenológica existencialmente vivida, fenomenologicamente, vivencialmente, se desdobra, se *atualiza* — sempre de modos *pré-compreensivos*, e progressivamente *compreensivos*, vivenciais, fenomenológicos, existenciais. Desdobra-se vivencialmente, assim, a possibilidade vivida, em *ação, atualização*, mais ou menos *contactantes*.

Ação, Cont-ato. Que podem se dar, assim, como observamos, como ação e como contato:

- (1) **meramente ao nível da compreensão**, minimamente motores: **meramente compreensivos**, assim; ou
- (2) que podem se dar, se desdobrar, ao nível da **ação, atualização, contato, compreensivos e motores**.

Performance

Todo este **per-curso** *vivencial*, fenomenológico, e existencial, "*subjetivamente*" vivido, da **atualização** — *atualização* meramente compreensiva, ou compreensiva e motora —, todo este processo da *ação*, e do *contato*, é o que podemos chamar de **Performance**. *Per-cursar* vivido, mais, ou menos, vívido vivido, fenomenológico existencial; *psicológico*, nesse sentido.

É, assim, um *per-curso* *vivenciado* — a *performance* —, que parte da **vivência da pré-compreensão da possibilidade** — da vivência da **pré-compreensão**

da pré-forma, e pré-formação compreensivas da possibilidade; da pré-formação da forma, da pré-compreensão —, e direciona-se no sentido da **compreensão**, da **vivência compreensiva**, da **ação**. Do desdobramento compreensivo da possibilidade. Que pode se dar de um modo *meramente compreensivo*, ou de um modo **compreensivo e motor**.

Todo o processo — todo ele, pré-compreensivo, e sequencialmente compreensivo, e eventualmente motor —, é o que podemos entender como, e chamar, de **performance**.

Performance aí entendida, naturalmente, específica e inteiramente, como, e do ponto de vista, da vivência fenomenológico existencial — "*subjetiva*". E, naturalmente, entendida, aí, sem nenhuma conotação quantitativa, ou de eficiência. Mas especificamente do ponto de vista fenomenológico existencial qualitativo, *poiético*.

De modo que a **ação**, a **atualização**, o **contato**, são especificamente **performáticos**, neste sentido vivencial; própria e especificamente fenomenológico existencial. Sentido, vivencial, no qual a *forma ativa*, a *atividade da formação*, se constituem, em emergência compreensiva, a partir de um fundo pré-compreensivo. Neste sentido, a **performance** pode ter qualidades de uma performance meramente *fenomenológica existencial compreensiva*, ou pode ter qualidades de uma *performance* que, simultânea e sinergicamente, é *fenomenológica e existencial, compreensiva e motora*... Sempre *improvisativa*¹.

Eminente e especificamente performáticos e improvisativos, neste sentido, a *atualização*, a *ação*, o *contato* —, a vivência metodológica da Gestalt-Terapia é, portanto, específica e eminentemente, *performática, per-form-ativa, im-pro-vis-ativa*.

Na medida em que, o que interessa do cliente é a *performance da atualização das possibilidades que lhe são emergentes, ativas, presentes e atuais na pontualidade dos momentos de sua atualidade existencial: a ação, o contato, como performance do desdobramento, da atualização compreensiva, ou compreensiva e motora, das possibilidades que lhe são emergentes*.

Daí que se constitui a metodologia da Gestalt-Terapia como uma *Teatralização performática das possibilidades emergentes como atualidade e atualização fenomenológicas existenciais do cliente*.

Num momento, e para um, é a dor de uma perda específica; para outro é a configuração da insatisfação; para outro é a saudade; para outro é a tristeza; para outro é o desespero desvairado; para outro é o desespero manso; para outro é a dúvida, a incerteza, a vivência de finitudes, a vivência do *sem saída*...

¹ v. FONSECA, Afonso *Dialógica e arte dramática da improvisação. Vislumbre-e-ato do possível propulsivo. Sobre o sentido e importância do improvisativo na concepção e método da Gestalt-Terapia e da Psicologia e Psicoterapia Fenomenológico Existencial. In GESTALT-TERAPIA FENOMENOLÓGICO EXISTENCIAL*. Maceió, Pedang, 2005.

Condições metodológicas em Gestalt-Terapia para a potencialização da performance da atualização, da ação, do contato

Performática, fenomenológico existencial, por definição —, a partir das *pulsões e prepotências* de suas próprias possibilidades **atuais** —, a vivência do cliente da Gestalt-Terapia tem como potencializadoras a *disposição per formaativa*, a performance relacional, *dialógica*, e igualmente vivida e fenomenológico existencial, de um gestalt-terapeuta fenomenológico existencial e, igualmente, *performático*.

Para tal, e como tal, desta forma, em seu desempenho metodológico, na **dialógica inter humana** de sua relação com o cliente, o gestalt-terapeuta privilegia o modo de sermos eminente e especificamente **empírico, experimental, e poiético** — num sentido fenomenológico existencial. Processo que se dá e desdobra de um modo eminente e especificamente *improvisativo*, na pontualidade dialógica do encontro inter humano com o cliente.

Assim, o gestalt-terapeuta privilegia a sua *relação inter humana* (Buber, 1982) com o cliente, a partir de uma **disposição fenomenológico existencial empírica e experimental**. Disposição que privilegia, portanto, a *prêt-potência* e desdobramento, pré-teórico, pré-reflexivo, do possível, fenomenológico existencialmente presentes, tanto como vivência sua, como enquanto a vivência do cliente. E como *dialógica* entre ambos.

Só assim o terapeuta pode sugerir ao cliente que privilegie, no âmbito de seu trabalho psicológico, a vivência de seu modo fenomenológico existencial de ser. De modo que ele permita e privilegie a vivência da emergência, e do desdobramento, das possibilidades ativas em sua atualidade, e a atualização, fenomenológico existencial; os seus processos de **atualização, meramente compreensivos, ou compreensivos e motores**, e os seus processos de superação.

Só assim ele pode sugerir ao cliente uma disposição que é *fenomenológica existencial empírica, experimental, e poiética*, com relação às possibilidades presentes na vivência fenomenológica de sua atualidade existencial. Só assim o terapeuta pode acompanhar e interagir de um modo *interativa e inter-humanamente dialógica*, empírico, experimental, provocativo, e poético, com o cliente.

De modo que podemos entender que — da mesma forma que se preconiza a vivência de um modo fenomenológico existencial performático da ação e do contato para o cliente, na dialógica de sua inter humana *inter ação* com o terapeuta, em Gestalt-Terapia —, preconiza-se uma idêntica disposição para o gestalt-terapeuta, na vivência do *logos metódico* da abordagem.

É importante entender que esta *disposição é empírica e experimental*, num sentido especificamente fenomenológico existencial, além do que *poiética*, e *inter humanamente dialógica*. E é importante entender, naturalmente, o que isto significa.

Como observamos, a *Atualização* — dimensão humana fundamental para a concepção e método das abordagens fenomenológico existenciais de

psicologia e psicoterapia, notadamente a Gestalt-Terapia e a Abordagem Rogeriana —, a *atualização* se refere à *ação* propriamente dita. Ou seja, ao *ato*, que é, especificamente, como observamos, a vivência fenomenológico existencial de *possibilidades*, e do seu desdobramento *performático*.

Atualidade se refere, portanto, a aquilo que é *ato*, *atual*. *Ação*, *atualização*. *Atualidade* é a *qualidade daquilo que é ato*. Ou seja, a vivência que é vivência de possibilidade, e vivência do desdobramento de possibilidade, fenomenológico existencialmente vividas.

De modo que, quando falamos de *atualidade*, não nos referimos a um recorte de tempo cronométrico — que é a dimensão do tempo coisificado, mecânico, calculativo... Com *atualidade*, referimo-nos à própria vivência fenomenológico existencial da *temporalidade* própria e especificamente inerente à *ação*. Ou seja, inerente e específica à *atualização*. A *temporalidade* vivencial, fenomenológico existencial, inerente e específica, que a *atualização* da possibilidade em questão, sua vivência e desdobramento, instauram e determinam.

Da mesma forma, quando falamos de *Presente*, também não nos referimos a um recorte de tempo cronométrico. Mas, especificamente, a este *modo de sermos* que instala e desdobra uma temporalidade própria e específica, singular e intransferível. A temporalidade da vivência da possibilidade e da vivência de seu desdobramento. Vivências que se dão especificamente como *ação*. Que são *ato-ais*, *atuais*, portanto. O *presente*, na verdade, é um *modo de sermos*. Um modo característico da vivência da *ação*. *Atual*, portanto.

O termo *Pres-ente* se refere ao modo '*não coisa*' de *sermos* — refere-se, especificamente, ao modo fenomenológico e existencial, dialógico, de *sermos*. Impregnado este da vivência pré-compreensiva, e compreensiva, de possibilidades, e de seus desdobramentos em *ação*, *atualização*...

O *Presente* se refere, portanto, ao nosso modo *atu-al de sermos*, a nossa *atualidade* à *ação*, que é especificamente fenomenológico existencial, e dialógica. O *presente*, o nosso modo, portanto, de *sermos presentes*, *atuais*, não é da ordem da coisidade, não é da ordem da realidade, não é da ordem das relações de causalidade, nem da ordem das relações sujeito objeto, não é da ordem da utilidade; e não é, portanto, da ordem do prático, nem da ordem do pragmático.

O *presente*, a atualidade, é *empírico*, não teórico, num sentido fenomenológico existencial. Nem é *comportamental*.

O *presente* se caracteriza especificamente, também, como *experimental*. Que é a *aquiescência*, e *ativa cumplicidade*, com a *implicação* inerente a sua vivência e desdobramento, como desdobramento da *atualização* de possibilidade vivida, como desdobramento da *ação*. A *afirmação da afirmação*, como diria Nietzsche.

Poiético

No caso da Gestalt-Terapia, e das abordagens fenomenológico existenciais de psicologia e de psicoterapia, é fundamental a consideração pelo modo *poiético* de sermos.

Desde Aristóteles, temos a considerar os modos *teórico*, *prático* e *poiético* de sermos.

O modo *poiético* de sermos diz respeito ao modo de sermos da produção criativa. A partir da vivência fenomenal de possibilidades, e de seus desdobramentos na ação; através do processo da vivência e *atualização de possibilidades*, através do processo da ação, do *contato*. Os modos *teórico* e *prático* de sermos dizem respeito a um rompimento da imediaticidade, e da *implicação fenomenológico existencial*, inerentes à vivência do modo *poiético* de sermos. Pré-reflexivo, pré-conceitual. Vivido, fenomenológico.

Na pontualidade da vivência, potencialmente ativa, de nosso modo fenomenológico existencial de sermos, estamos, de imediato implicados. Somos cúmplices, de nossas possibilidades e de nossos devires, de nossas possibilidades e possibilitações. De nossas possibilidades e atualizações.

Não ‘temos’ possibilidades e devires: somos possibilidades e devires. Ontologicamente, fenomenológico existencialmente, somos cúmplices, ‘cumplicados’, implicados, em nossas possibilidades e devires. Podemos nos negar, mas, ontologicamente, somos e devimos assim. Daí que a existência, como observou Nietzsche, pode se dizer ser *aquilo que se auto supera indefinidamente*. Condição que não nos ocorre em nossos modos *teorético*, e *prático* de sermos.

O modo *teórico* de sermos — *reflexivo, conceitual, explicativo* — se caracteriza maiormente pela ruptura desta *implicação*, pela ruptura da imediaticidade desta implicação compreensiva com a possibilidade, que é característica da pontualidade momentânea de nosso modo vivencial, fenomenológico existencial, dialógico, de sermos. No caso do nosso modo teorético de sermos esta ruptura é *ex-plicativa*, é a *ex-plicação*; diversa da *implicação, cum-plicação*, vivenciais características da vivência fenomenológico existencial de nossas possibilidades e possibilitações, características do modo de sermos de nossa *atualidade* e de nossa *atualização*. A *explicação* pode se construir como mediação conceitual, re-flexiva, teorizante. Que se origina especificamente do afastamento do vivido, e pela re-flexão sobre os resultados poiéticos da atualização vivencial.

Rompida assim a imediaticidade da *im-plicação* com vivência de possibilidade e com o seu desdobramento na ação, rompida esta *cum-plicidade* com a potência do possível e com a sua atualização, pode se constituir e se dar a *ex-plicação*, a *re-flexão*, agora teóricas. Impotentes, podemos dizer. Importantes em seus momentos próprios, mas que não podem substituir a precedência e a importância ontológicas da *imediaticidade* e *implicatividade* características da vivência poiética, do vivido fenomenológico existencial, caracteristicamente prenhe de possibilidades e de atualização, de possibilidades de superação.

Freud não *explica*? Numa abordagem fenomenológico existencial não se explica nada. Nosso interesse é o que acontece como e ao nível da vivência fenomenológico existencial, que é da ordem da *implicação compreensiva* com o possível, com a ação e seus desdobramentos.

O *prático*, o modo *prático* de sermos, se caracteriza, também, por uma ruptura com esta *implicação, cum-plicação*, compreensiva com a possibilidade pontualmente vivida em nosso modo fenomenológico existencial de sermos, com a ação com a atualização. O vivido fenomenológico existencial dialógico, que é vivência de possibilidade e de ação, atualização, dá-se em um modo de sermos que não o modo de ser das relações de causa e efeito, da dicotomização sujeito-objeto, e está igualmente fora do modo de sermos das relações de *utilidade*, e da funcionalidade com o acontecido.

A *ação*, a *atualização* são poéticas. Nem teóricas nem práticas. E se caracterizam pela vivência presencial e implicativa da possibilidade e de seus desdobramentos. Ainda que tenham originalidade e força estética e criativa, ainda que revolucionem o acontecido, não têm o compromisso com a utilidade ou com a funcionalidade, que é característico do *prático*, ou do *pragmático*.

Assim, ao contrário, podemos dizer que a *ação*, a *atualização*, o processo da atualização de possibilidades, são característica e eminentemente despropositados, gratuitos, disfuncionais, inúteis, mais ou menos inconvenientes, em seus processos produtivos, poéticos. Ainda que impregnados do gozo da atualização, e das forças estéticas de sua originalidade. Que implicam sempre a superação das aporias da finitude do acontecido.

Assim, o modo *prático* de sermos está pautado pela utilidade e pela ação funcional, em relação ao princípio de sobrevivência. Enquanto que o modo poético de sermos não é da ordem do *uso* e da *utilidade*. Orienta-se pela superação, e não pela conservação. Da mesma forma que não é da ordem da dicotomização sujeito-objeto, da ordem da causalidade, nem mesmo da ordem da *realidade* — na medida em que é específica e eminentemente da ordem do *possível* e da *possibilidade*; e da *atualização* — da *realização*, e não da *realidade*...

Dialógico

A abertura para o *dialógico*, o privilégio da *dialogicidade*, “fazem parte do DNA da Gestalt-Terapia”, a partir das influências diretas da *Filosofia do Diálogo* e do *Dialógico*, de Martin Buber.

O *dialógico* se refere ao modo ontológico de sermos, o modo fenomenológico existencial, e de atualização de possibilidades. A este modo Buber designou de *Eu-Tu*. E é o modo de sermos alternativo ao modo de sermos *Eu-Isso*, característico da vida e do mundo coisificados, da objetualidade, do uso, e da causalidade, da factualidade.

Pois bem, o modo *Eu-Tu, dialógico*, de sermos envolve a possibilidade, da *relação dialógica, Eu-Tu*:

- (1) com a natureza não humana;
- (2) na esfera da relação com os seres humanos; e
- (3) na esfera da relação com o sagrado.

O modo de sermos da relação *Eu-Tu* pode se dar na relação com um outro humano, com um outro de natureza não humana, ou na relação com o sagrado, ou pode se dar na relação com a *outridade do si mesmo*, como a alteridade em nós do Ser, como fonte de possibilidades. Em todos os casos, a *relação dia-lógica, a relação Eu-Tu*, se constitui como **um âmbito (dia) de sentido (logos) compartilhado**. Que, ainda que seja de ordem vivencial, fenomenológico existencial, e não envolva a dicotomização sujeito-objeto, o uso e a utilidade, e a causalidade, se constitui como uma tensão da relação com a alteridade de um *Tu*.

Este *âmbito de sentido*, compreensivamente compartilhado, se constitui como o *dia-logos*. Na esfera do humano chamamos a relação que se constitui como *dialógica inter humana* de esfera *inter humana* do *dialógico*, ou da relação *Eu-Tu*.

Todo o processo da ação, da atualização, é dialógico.

O dialógico se dá como vivência fenomenológico existencial, que traz, em si, a vivência da implicação com a alteridade do possível, que é um *tu*, e com o seu natural desdobramento. Toda vivência e atualização vivencial de possibilidades são assim dialógicas, na medida em que envolvem a constituição de um âmbito de vivência, de sentido compartilhado, com uma alteridade.

Caracteristicamente, os momentos da vivência da Gestalt-Terapia são momentos da vivência da implicação com a alteridade de possibilidades e seus desdobramentos, que se constituem no modo fenomenológico existencial, compreensivo, de sermos. No vivencial, vivemos os outros e as nossas questões como possibilidades, como *tus*, que atualizamos na sua expressão, atualização. O outro é sempre *um* possível, um *tu*. Podemos vivenciá-lo comportamentalmente, podemos vivenciá-lo conceitualmente, como acontecido. Ou podemos *atualizá-lo*, quando o vivenciamos atualmente em sua presença, ou seja, em seu modo de ser de pré-coisa, em nosso modo fenomenológico existencial, *dialógico*, de ser.

Fontes seminais das atitudes de criação de condições para a potencialização da *performance atualizativa* por parte do cliente e do gestalt-terapeuta na interação gestáltica

Como dissemos no início, o sentido metodológico da Gestalt-Terapia, de uma abordagem fenomenológico existencial de psicologia e de psicoterapia (e isto vale para a Abordagem Rogeriana), é o da criação de condições, para o cliente, para a potencialização de sua performance, de sua *performance*

atualizativa fenomenológico existencial, no sentido do processo ontológico de sua regeneração fenomenológico existencial e auto superação.

Essas *condições*, que se cristalizaram como concepção e método da Gestalt-Terapia, e, em geral, da psicologia e psicoterapia fenomenológico existencial, vêm de uma longa tradição no desenvolvimento da Civilização Ocidental. De um modo certamente arbitrário, podemos remontá-la aos Gregos pré-socráticos, aos médicos hipocráticos, em seu privilégio do corpo, do vivido e dos sentidos; e em sua busca do privilégio de um certo *empirismo*. Esta tradição passa certamente por um certo Aristóteles. Aquele que se dedicou à constituição de uma metodologia de estudo da consciência a partir da mesma metodologia das ciências naturais.

Ou seja, uma metodologia empírica; um *empirismo da consciência*. A abordagem da consciência em sua própria vivência, e não a partir de premissas teóricas... ou práticas...

Com isso, Aristóteles *cria* a Fenomenologia (da tradição dita *de Brentano*).

Brentano resgata Aristóteles, e cria e desenvolve a sua tradição da Fenomenologia moderna. Nietzsche resgata a perspectiva de valorização do corpo, do vivido, e dos sentidos, dos pré-socráticos, como perspectiva de afirmação existencial, de atualização, auto-superação, e criação.

Em certos sentidos importantes, o *Expressionismo* assume essa perspectiva da vivência e afirmação da vivência fenomenológica existencial como estilo de elaboração e de produção artísticas. De um modo específica e caracteristicamente *performáticos*.

Por influência de todas essas vias se constitui o essencial das concepções e método das psicologias e psicoterapias fenomenológico existenciais. Em especial da Gestalt-Terapia e da Abordagem Rogeriana.

Perls

Com toda a sua atitude expressivamente vagabunda, Perls foi, sem dúvida, tão genial quanto ele pensava ser. Conectou mundos, mentalidades. O incrível mundo artístico, cultural e científico de Berlin do início do Século XX ao início dos anos 30 (a Berlin anterior à primeira e segunda guerras) —, com Nova York dos anos 50 e 60, com a Flórida, com San Francisco, Rio de Janeiro, São Paulo, Recife, Fortaleza, Paris, Barcelona, Madri... E o resto do mundo.

E o que trazia Perls da experiência européia? Dos momentos alegres e geniais, e dos momentos da experiência da desagregação e do terror?

Um sentido profundo de que *vida* é facilmente desperdiçada de um modo tolo. Um sentido profundo e radical de que a vida não é para ser desperdiçada... E, seguindo a Dilthey, a Buber, a Nietzsche, ao Expressionismo..., *vida*, para ele, era a vida efetivamente vivida como *atualidade* e *presença*; *vivência* originária de consciência, pré-reflexiva, pré-conceitual, nada tendo de prática e

pragmática, preche de possibilidades, de possibilidades de ação, e de atualização. De criação.

Parecia trazer gravadas na testa as consignas do Expressionismo. E do outro Fritz (o Nietzsche): *a verdade não é teórica; existência não tem dentro. (...)* *Pois vamos lá, experimenta-te, mas não quero ouvir falar de outra verdade que não seja autorizada pela experiência... Qualquer problema humano só pode ter uma solução experimentalmente...*

Perls trazia profundamente marcado o sentido experimental do perspectivismo nietzscheano, que era uma marca do *Expressionismo* e do meio intelectual e artístico da Berlin daquela época. Além do mais, é como se tivesse gritado alto e em bom som para Freud e os psicanalistas: *Para o inferno com todas as explicações!!! Podem ficar com todas elas, ou ir juntos!!!*

Fritz Perls adquiriu o sentido profundo de que, comparadas com a *compreensão* característica do vivido fenomenológico existencial, impregnado de possibilidade, de potência de ação, e atualização, de criação, as *explicações* são apenas uma *casca vazia*, como diria Fink. Fritz obteve o sentido profundo de que não havia ponte entre a *explicação* e a *compreensão* (como disse Tkuan Soho, o mestre zen de Musashi, *não existe explicação que possa levar à compreensão...*). E que o poder da compreensão só poderia se dar por evidência direta, na primeira pessoa, e pelo risco vivencial empírico da experimentação fenomenológico existencial (como dizia o professor e amigo, o suave e sorridente Kaniki Sato, *é difícil explicar a uma pessoa o gosto de sardinha, né? Mas dá uma sardinha para a pessoa comer. E nunca mais ela esquece o gosto...*).

Este prazer pelo risco do desdobramento da possibilidade, da potência, fenomenológico existencialmente vivida, na atualização, na ação, este prazer pelo risco da tentação, da tentatividade, de uma empírica da compreensão, e pela atualização experimental, esta apuração de uma perícia fenomenológico existencial afirmativa, que já era característico do *perspectivismo* nietzscheano, Fritz traz para a psicoterapia e para o trabalho psicológico com a sua Gestalt-Terapia.

Nietzsche

Frederich Nietzsche teve uma influência profunda no desenvolvimento conceitual e metodológico das psicologias e psicoterapias fenomenológico existenciais. Sua compreensão profunda do valor do homem avali-ativo, da existência como intrinsecamente avali-ativa; sua valorização do homem instintivo e artístico. O seu perspectivismo. O seu resgate do sentido do trágico. Suas considerações sobre o modo *esquecido* de ser do vivido (Nietzsche), e sobre tudo a sua radical disposição experimental compuseram, não só o caldo de cultura no qual se desenvolve a Gestalt-Terapia dos princípios do Século XX, mas, em particular, importantes aspectos de suas concepções e métodos. O meio cultural nos quais viveram e cresceram os Perls era profundamente

influenciado pela presença de F. Nietzsche, que morrera poucos anos antes. O *Expressionismo*, movimento artístico que se desenvolveu na Alemanha, nos finais do Século XIX e início do Século XX, e que influenciou profundamente a Fritz Perls, em particular pelo teatro expressionista de Max Reinhardt, que ele frequentou desde a adolescência, também foi profundamente influenciado pelas perspectivas de Nietzsche, que começavam então a se desdobrar na Alemanha e na Europa.

De modo que as concepções e perspectivas de Nietzsche têm um importante papel na constituição das concepções e métodos, estilo, e ethos da Gestalt-Terapia, no sentido da constituição de condições para a performática da ação, da atualização que ela propõe para o cliente.

Buber

Os Perls privaram de uma convivência muito próxima com **Martin Buber**. Laura Perls foi aluna de Buber, e muito próxima no movimento de revitalização da cultura Judaica na Europa, que Buber liderava, influenciado de um modo importante pelas perspectivas de Nietzsche. As concepções de Buber eram muito importantes para as perspectivas de uma psicoterapia fenomenológico existencial, e são facilmente incorporadas pela Gestalt-Terapia. Na última parte de seu livro *Do Diálogo e do Dialógico* (Buber, 1982. pp 133-71) Buber sumaria as condições que propiciam a relação inter humana, o *inter humano*, a relação eu-tu especificamente entre humanos. E estes elementos, tais como Buber os coloca, são extremamente importantes para as concepções e métodos da Gestalt-Terapia. A relativização da dimensão do meramente *Social*, e o privilégio do *Inter humano*; o privilégio do *ser*, em relação aos modos de ser do *parecer*; a *presentificação do outro*; a *abertura* em detrimento da *imposição*, na relação *inter humana*; a *conversação genuína*... Todos eles elementos fundamentais do favorecimento da momentaneidade do *eu-tu inter humano*.

As idéias seminais de Buber sobre o *Diálogo* (a relação eu-tu) e o *dialógico*, o esclarecimento do papel ontológico, ontogênico, libertador e regenerador do modo de sermos que ele chamou de *relacional, eu-tu*, em alternância com o modo de sermos *eu-isso*, têm um papel fundamental para as concepções e métodos da Gestalt-Terapia.

Rogers

Last but not least, temos a contribuição de Carl Rogers.

Evidentemente que Carl Rogers desenvolveu a teoria, o método e a experimentação de uma outra abordagem. Mas uma abordagem igualmente fenomenológico existencial, dialógica. Características essenciais à concepção e método da Gestalt-Terapia. Mais que isto, a potencialização da *atualização* é um elemento fundamental comum à Gestalt-Terapia e à Abordagem Rogeriana. Foi, ele próprio, Rogers, profundamente influenciado não só pelas idéias da

Psicologia da Gestalt de Max Wertheimer, mas pela própria Gestalt-Terapia de Fritz Perls.

Rogers foi um experimentador profundo e original das concepções e métodos de uma abordagem fenomenológico existencial dialógica, empaticamente compreensiva, da terapia diádica, e do trabalho com grupos.

É certo que ele e Fritz Perls emergem de contextos distintos, formam "panelinhas" distintas em suas abordagens, e formulam diferentes premissas de concepção e método. Aproximam-se muitíssimo no método, já que ambas as abordagens se configuram como *metodológicas da atualização*, que se caracterizam em suas vivências metodológicas fenomenológico existenciais, poéticas, e não em sua teoria, ou em uma *prática*. O método de Perls entendido a partir da ótica do *contato*, e o de Rogers a partir do que ele chamou de *Tendência Atualizante*.

Têm teorias diferentes, mas é importante observar que suas metodologias são fenomenológico existenciais empíricas, não teorizantes, portanto. O que os aproxima metodologicamente, da mesma forma que, não por acaso, os aproxima da perspectiva metodológica e ética de um Brentano, de um Nietzsche, e de um Paulo Freire.

Sem sectarismos, assim, as experiências e experimentações de Carl Rogers e seu grupo podem ser extremamente úteis à Gestalt-Terapia, e vice-versa. Evidentemente que eles têm teorias diferentes. Mas, em termos de uma abordagem fenomenológico existencial não podemos nos ater ao teórico. É na formulação, desenvolvimento e experimentação do método que podem ser encontradas as identidades, e onde se encontram as grandes riquezas. Isto é particularmente importante no que concerne ao trabalho com grupos.

Por fim, em termos da concepção e método da criação de condições para a performance fenomenológico existencial do cliente no setting do trabalho psicológico e psicoterapêutico, nunca é muito remontar ao empirismo fenomenológico de Brentano. Sua contribuição é nesse sentido fundamental. E nesse sentido não é muito dizer que a Gestalt-Terapia e a Abordagem rogeriana são abordagens brentanianas.

Por outro lado, nunca é muito mencionar, também, a mediação fundamental que se configurou como o *Expressionismo*. Com algumas cautelas, evidentemente, não é muito dizer que as abordagens fenomenológico existenciais de psicologia e psicoterapia configuram em suas concepções e métodos abordagens especificamente *expressionistas* de psicologia e de psicoterapia.

Assim, em termos de concepção e método da Gestalt-Terapia, e da psicologia e psicoterapia fenomenológico existencial, é interessante compreender e privilegiar a concepção de *ação*, a concepção de *contato*, a concepção de *atualização*, a concepção de *performance fenomenológico existencial*, a concepção de *dialógica*, de *poiese* e de *experimentação fenomenológico existencial*.

São dimensões fundamentais de suas concepções e metodologias.

REFERÊNCIAS

BUBER, Martin. **Do Diálogo e do Dialógico**. São Paulo, Perspectiva, 1982.

FONSECA, Afonso H L **Experimentação. perspectivas acerca da experimentação fenomenológico existencial.**

<http://www.geocities.com/eksistencia> 2008a.

_____. **Experimentação. Brentano. Perspectivas acerca da experimentação fenomenológico existencial.**

<http://www.geocities.com/eksistencia> 2008b.

_____. **Experimentação. Nietzsche. Perspectivas acerca da experimentação fenomenológico existencial.**

<http://www.geocities.com/eksistencia> 2008c.

_____. **A experimentação em Gestalt Terapia.**

Perspectivas acerca da experimentação fenomenológico existencial.

<http://www.geocities.com/eksistencia> 2008d.

NIETZSCHE, F. *Do valor da história para a vida*. In: **Nietzsche**. Os Pensadores. São Paulo, Abril, 1985.

* *Experimentais* no sentido específica e eminentemente fenomenológico existencial. Nunca no sentido da Psicologia Experimental, ou no sentido científico. v. *Perspectivas acerca da Experimentação Fenomenológico Existencial. Experimentação. Experimentação: Brentano. Experimentação: Nietzsche. Experimentação: Gestalt-Terapia*. In <http://www.geocities.com/eksistencia>

Endereço para correspondências

Afonso Henrique Lisboa da Fonseca

E-mail: affons@uol.com.br

Recebido em: 10/03/2009

Aprovado em: 02/07/2009